

# <sup>1</sup>«POLITICAMENTE CORRETO» : O JARGÃO DA NORMA IDEOLÓGICA

Rita de Cássia Pacheco Limberti  
UFMS/USP-Capes

## INTRODUÇÃO

As normas ideológicas vigoram no seio de um dado grupo não por uso, mas por «atualização», de modo a configurar-se em ciclos: há o momento de «desestabilização» das normas vigentes (novos valores discretizados historicamente), seguido de sua ênfase pelo uso e, conseqüentemente, de sua homologação como norma, que por sua vez passa a vigorar de maneira estável, tendendo a neutralizar-se com o tempo. A partir daí, a norma, plenamente disseminada no discurso, começa a esvaziar-se de sentido, mantendo-se ativamente no nível da superfície, enquanto, no nível profundo, seu sentido vai ganhando opacidade. É exatamente nesta esfera que pretendemos analisar as «atualizações» da norma ideológica, a despeito do aspecto difuso e impreciso de seus contornos.

## APRESENTAÇÃO

Tomaremos como objeto de análise as estratégias discursivas de que o sujeito não-índio se vale em seu discurso para construir a imagem do índio, observando as ocorrências de um discurso regido pelas normas sociais e ideológicas do momento, ou seja, um discurso «politicamente correto». Serão analisados «*A Carta de Pero Vaz de Caminha*» e alguns textos do jornal «*O Progresso*», de Dourados-MS, cidade onde está localizada, muito próxima à zona urbana, a Reserva Indígena dos Índios Guarani-Kaiowá.

A cidade de Dourados foi fundada em 1935, no então estado de Mato Grosso (Mato Grosso do Sul a partir de 1977). Em 1951 funda-se o jornal «O Progresso». De circulação semanal a princípio, esse órgão da imprensa passou a acompanhar, a partir de então, o

---

<sup>1</sup> BALANDIER, G. *Anthropo-logiques*. Paris :Le Livre de Poche, 1985.

<sup>2</sup> BOURDIEU, P. *Choses dites*. Paris : Minuit, 1987.

« progresso e o desenvolvimento da cidade, constituindo-se em uma verdadeira «crônica do município »».

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Durante a coleta de dados no jornal, que inicialmente propôs-se apenas a buscar registros sobre os índios, descortinou-se um mundo de informações conduzidas por vias inesperadas, de formas fragmentárias e dispersas, curiosamente capazes de convergir para um todo significativo. A primeira década de circulação do jornal “O Progresso” (1951-1961) não apresenta nenhuma notícia sobre o índio, contudo esse apagamento relacionado à presença de notas sobre colonos e emigrantes, responsáveis pela formação da cidade, altera a perspectiva que orienta a apreensão e abordagem do objeto de análise e, conseqüentemente, a trajetória da identificação, leitura e interpretação dos dados.

O jornal opera um processo de referenciação que se constrói, temporal e espacialmente, por um contexto prévio. A natureza da referenciação do jornal é especialmente diferenciada porque se mantém na linearidade temporal de forma mais contínua e prolongada. Por ficar mais exposto e mais comprometido com os paradigmas, o jornal altera sua postura de acordo com a categorização de cada época, ou seja, apaga, revela, denuncia as outras modalidades discursivas, como as obras de arte, por exemplo, que apresentam referências menos instáveis, porque representam posturas ideológicas mais livres, menos negociáveis, não obstante não prescindam de um contexto prévio. O conjunto dos objetos de análise constitui um universo de mundos cognitivos internalizados cada qual por sua historicidade, de modo a que os sentidos e a noção de verdade vão se atualizando. Não se tem referenciais iguais, não se tem estabilidade de referenciação. Apesar disso, contudo, as referenciações apresentam-se ciclicamente estáticas, cristalizando-se periodicamente de modo a impedir a compreensão de um outro mundo discretizado extra-lingüisticamente. Talvez por

isso o discurso da primeira década do jornal não trate do índio: porque ele se apresenta como elemento não discretizado devido à rigidez da referenciação. Ou melhor, o índio chega a ser discretizado, contudo sofre uma categorização que o insere entre os elementos tidos como naturais e incapazes de interferir na realidade (sujeitos).

### **<sup>3</sup>O JORNAL E AS RESSONÂNCIAS DA CARTA**

O jornal “O Progresso” foi fundado em 21 de abril de 1951. Essa é uma data bastante significativa no Brasil, porque opera sempre uma remissão à idéia de fundação, de historicidade, posto ser o dia do “descobrimento”.

As notícias seguem pela senda do apagamento da existência dos índios na região. É como se eles não existissem. O processo de fundação discursiva do jornal concorre com o processo de fundação discursiva da cidade. Aparecem a Colônia Agrícola de Dourados e os variados índices de progresso: a escola, o clube, a estrada, os bairros, a iluminação pública - alguns prosaicos, como a numeração das casas - mas os índios não aparecem. O espectro da constituição do município vai se alargando gradativamente, aparecem as primeiras rodovias, a construção da cadeia, do hospital, a realização da primeira campanha de vacinação.

### **O MOVIMENTO DA NORMA NA TEMPORALIDADE**

A constituição do sujeito índio percorre um itinerário que o mantém à margem, na medida em que tal constituição se dá baseada nas manifestações lingüísticas e comportamentais das normas lingüísticas e ideológicas não-índias, as quais, por sua vez, desenvolvem, por si só e por esse processo de apropriação, mecanismos de segregação. A resistência à interpenetração por parte das duas culturas é diretamente proporcional à tentativa

---

<sup>3</sup> CORTESÃO, Jaime. « A Carta de Pêro Vaz de Caminha – Adaptação à Linguagem Actual ». In: *Folha de São Paulo*. São Paulo : Publifolha, 1999.

de inserção mútua, quer por busca de dominação, quer por tentativa de aceitação. Foucault,<sup>4</sup> no prefácio de *«Les mots et les choses»*, faz uma consideração que nos leva a compreender um pouco melhor a existência desse campo de tensão, de resistência, quase de repulsa, que circunda cada formação cultural: *«Les codes fondamentaux d'une culture – ceux qui régissent son langage, ses schémas perceptifs, ses échanges, ses techniques, ses valeurs, la hiérarchie de ses pratiques – fixent d'entrée de jeu pour chaque homme les ordres empiriques auxquels il aura affaire et dans lesquels il se retrouvera.»* (Foucault, 1966) Quando ele se refere «a cada homem», ele fala de cada homem que pertence à mesma formação cultural, sendo que só a ele compete a destreza de lidar com suas normas lingüístico-ideológicas, a ponto de valer-se delas para mascarar um outro patamar de normas subliminares, estabelecidas a partir de valores mais subjetivos.

## CONCLUSÃO

Debruçar-se sobre um trabalho de reflexões sobre as relações sociais, ainda que circunscrito no campo-lingüístico-discursivo, é sempre uma maneira de conduzir-se à indagação paradoxal de admiração e de encantamento : *«Como a sociedade é possível ? »*<sup>5</sup> As interações, cronicamente conflituosas e, por isso, não discretizadas como tal, são indicadores que reproduzem, indefinidamente, o fenômeno urbano, as relações de trabalho e a legitimidade monetária. Categorias vão se sobrepondo, na busca de atender à emergência de normas coletivas que preservem, ainda que provisória e precariamente, as singularidades individuais.

A análise dos dados permite vislumbrar uma relação endógena e dialética entre alienação e liberdade, dentro de um contexto perene de crise de valores. Põem-se a descoberto alguns vértices quase premonitórios, convergentes a partir de três pontos :a onipresença do

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris : Gallimard, 1966.

<sup>5</sup> VAMBREMEERSCH, M. Caroline.(coord.) *De l'autre côté du social: cultures, représentations, identités*. Paris : L'Harmattan, 1998.

outro em todas as representações do sujeito e a tendência geral desse sujeito a reinstaurar-se a partir da presença do outro, ou seja, um processo que descreve um movimento cíclico e ao mesmo tempo espelhado ; a internacionalização dos sistemas sociais e suas trocas, segundo as quais cada enunciador, desde os primórdios dessa internacionalização (descobrimento), pode negociar os estatutos da sociedade e das organizações estatais ; as mudanças suscitadas por um progresso material incontável e a redescoberta de «estágios existenciais », que partilham ciclicamente crises de identidade e de liberdade. A norma tem a função de balizar a concepção particular do sujeito e sua relação com a sociedade.

A análise revela um conjunto de advertências à estabilidade dos conceitos veiculados no universo social da linguagem. O sujeito, cindido por natureza (e o inverso seria patológico), atua no processo social - coletivo e sobretudo heterogêneo - de modo a que a particularidade do actante concorra sempre com a funcionalidade do agente. Nessa concorrência (não co-ocorrência), as normas são mantidas por cumprimento ou por transgressão, a qual é uma maneira de, por negação, garantir a manutenção da norma. O resultado global apresenta um aspecto bastante caótico, considerando-se que as contingências é que estabelecem, via de regra, essa atuação do sujeito na sociedade e que as contingências presentes (situação atual do índio em contato com a sociedade não-índia) são refratadas pelas « mesmas » contingências historicamente atualizadas (situação do índio e situação da sociedade não-índia em diferentes tempos passados) tomadas pontualmente na linha do tempo.

Por sua vez, o círculo auto-referencial do valor econômico apresenta-se ancorado entre os pólos lingüístico (metalinguagens e usos, tradições gramaticais,<sup>6</sup> representações e verbalizações) e ideológico (filosofias, tradições nacionais, modos de transmissão do

---

<sup>6</sup> LEITE, Marli Quadros. Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

conhecimento e da cultura). Ele permeia, em sincronia e na historicidade, as articulações entre as formações discursivas e as concepções e instituições que as sustentam. A linha do tempo revela a influência desse valor no movimento das normas, bem como dimensiona ideologicamente seu enquadramento social.